

# D. Paulo reza missa para mães desamparadas no dia de Natal

LINA DE ALBUQUERQUE

No dia do nascimento de Jesus Cristo, celebrado na terça-feira, a Amparo Maternal, uma maternidade destinada a assistir às mães pobres e desamparadas da cidade, trouxe ao mundo 21 crianças. "Tive a maior alegria em ver a minha primeira filha nascendo nesse dia", comemorava Ana Maria Santos, de 23 anos, enquanto segurava Camila, um robusto bebê de três quilos e meio. Na véspera do Natal, cerca de cem gestantes, que aguardavam o nascimento de seus filhos abrigadas nos alojamentos da entidade, compareceram à uma missa rezada na capela da maternidade pelo arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns.

Uma dessas novas mães, Alexandra da Silva, era protagonista de uma história que se repete quase todos os dias na maternidade — com exceção de que aquela era a data de Natal. Com apenas 15 anos e abandonada pela família, ela deu à luz a uma criança franzina que ainda não tem nome. Assustada, Alexandra não tinha a menor idéia sobre o que a aguarda quando tiver de deixar o local. "Meus pais me puseram para fora de casa depois que souberam da minha gravidez", contou ela, que está vivendo no alojamento do Amparo há três meses. "E o pai do bebê já disse que não vai assumir o filho". De acordo com as últimas estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das 57 milhões de crianças e adolescentes de até 17 anos que moravam no País em 1986, 6 milhões eram filhos de mães solteiras.

O Amparo Maternal foi criado em 1964 em virtude de os convênios do INPS com hospitais particulares terem prejudicado o atendimento às mães pobres. Desde então, a maternidade já colocou no mundo mais de 200 mil crianças. Mas a entidade já existia desde 1939, quando José Gaspar de Afonseca e Silva fundou um alojamento social com o objetivo de amparar famílias carentes. Atualmente as atividades da sede foram ampliadas. Além de oferecer moradia e assistência obstétrica em qualquer fase da

gravidez, a entidade desenvolve um programa que visa encontrar empregos às mães desvalidas.

Segundo a assistente social Ana Paula de Souza, os alojamentos abrigam muitas empregadas domésticas procedentes do Nordeste e do Norte do País. "Normalmente a patroa dispensa a empregada depois de descobrir a gravidez", explica Ana Paula. Durante o período em que permanecem no local, as gestantes podem frequentar cursos de manicure e artesanato. As mulheres que também se dispuserem a prestar serviços de limpeza ganham um cartão que pode ser trocado por uma roupa de bebê. "Assim, quando a criança nasce, o enxoval já está completo", diz Ana Paula.

As mães geralmente deixam a maternidade até duas semanas depois do nascimento dos filhos. Mas há casos em que continuam morando e traba-

lhando no local. Assim aconteceu com a gaúcha Deonilda Vaz, de 22 anos. Ao tomarem conhecimento da sua gravidez, os pais a expulsaram da casa em que vivia em Boa Vista, no Rio Grande do Sul. "Vim para São Paulo como poderia ter ido para qualquer outro lugar", diz ela, mãe de Rosane, de quatro meses. Deonilda trabalha como auxiliar de enfermagem no Amparo. Mas nem todas as mães assistidas no local estão separadas das famílias. Lúcia de Oliveira, de 18 anos, que no dia 25 de dezembro deu à luz ao menino Daniel, não vê a hora de voltar para casa. "Estou ansiosa para que o meu primeiro filho e os meus oito irmãos possam conhecer a criança", revelou. O marido de Lúcia ganha três salários mínimos por mês e ela imagina que terão dificuldades para criar os dois filhos. "Por isso decidimos que vamos parar por aqui."



Alexandra: "Meus pais me puseram para fora de casa"

Tina Leme/AE